



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1256

Estudo sobre a imigração: reflexões sobre os espaços e sociabilidades em imigrantes japoneses e nipo-brasileiros em Uraí-Pr

JOSÉ JUNIO DA SILVA¹
UFPR

Esta comunicação busca entender características particulares da imigração de japoneses para Uraí-Pr, antiga Colônia Pirianito, fundada em 1936 com a participação da Companhia Nambei Tochi Kabushiki Kaisha, de capital japonês. A presença de imigrantes japoneses em Uraí insere-se no avanço da colonização no Norte Pioneiro do estado do Paraná, bem como no deslocamento imigratório produzido pela expansão industrial capitalista que no Japão, inicia-se no século XIX e se expande para o XX. As balizas temporais compreendem o ano de fundação da colônia (1936) e o da venda dos remanescentes de suas terras para a Companhia Brasileira de Rami, em 1956. Os objetivos do estudo convergem para a análise do deslocamento imigratório de sujeitos de origem japonesa e nas reflexões acerca da configuração de novas sociabilidades nesse espaço particular. A perspectiva metodológica da micro-história se faz presente neste trabalho, tendo em vista o objeto em questão e a dinâmica das imigrações, que no século XX fez o governo japonês disponibilizar capital para investimento em terras no Norte Pioneiro do estado do Paraná. Ressaltamos a importância da memória dos imigrantes e de seus descendentes, nipo-brasileiros, para a realização desta pesquisa. Buscamos, por meio de entrevistas geracionais, utilizando três gerações de “japoneses”, dados para o entendimento das sociabilidades e da configuração identitária neste espaço em particular. A relevância e pertinência da pesquisa se justificam pela sua particularidade, pelas especificidades do objeto e dos referenciais de análise que demarcam a historiografia no campo de estudos sobre imigração japonesa no Brasil. A multiplicidade de experiências vivenciadas circunscritas na cultura japonesa, as estratégias desenvolvidas pelos vários sujeitos envolvidos, a pluralidade de seus contextos de referência, são trabalhadas nesta comunicação. Como resultado da pesquisa, entendemos que os sujeitos em estudo formaram um grupo heterogêneo, com identidades múltiplas. A identidade nipônica foi configurada, adquirindo características particulares e próprias, adaptada ao espaço de Uraí.

Palavras-chave: imigração japonesa; espaços e sociabilidades; identidades.

* doutorando em História pela Universidade Federal do Paraná, bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Orientando do professor Dr. Sérgio Odilon Nadalin.

O presente artigo busca analisar a Colônia Pirianito, atual Uraí, fundada em 1936, por colonos japoneses a partir da compra de uma gleba de terras (10.000 alqueires) pela empresa de capital japonês Nambei Tochi Kabushiki Kaisha. As terras compradas pela Nambei estavam localizadas no Norte Pioneiro do estado do Paraná, entre os municípios de Cornélio Procópio e Londrina, em uma faixa de terra roxa. Ainda na década de 1920, as terras despertaram o interesse de empresários japoneses. Uma missão comercial chefiada por Reizo Yamashima, visitando a região, decidiu adquirir a área, apontada como extremamente fértil. O objetivo da companhia era realizar uma colonização dirigida, introduzindo indivíduos de nacionalidade japonesa, por meio da venda de pequenas e médias propriedades. Em 1936 chegaram os primeiros imigrantes japoneses, chefiados por Manjiro Watanabe, representante geral da Nambei na região. Deve-se ressaltar que desde o início a colônia foi ocupada por brasileiros de vários estados, principalmente mineiros, paulistas e baianosⁱ. O ambiente estava propício para o desenvolvimento de identidades múltiplas. A Colônia Pirianito é entendida como ambiente de fronteiraⁱⁱ, onde as culturas adversas estão interagindo, produzindo novas identidades. Em 1936 a colônia é fundada com o nome de Pirianito, abrigando indivíduos de nacionalidades diversas, em sua maioria, japoneses.

O estudo insere-se em contextos de escalas distintas, de um lado resulta da dinâmica da industrialização japonesa e a construção nacional ao redor do governo Meiji, final do século XIX e início do século XXⁱⁱⁱ, e, de outro, insere-se no avanço das frentes pioneiras, organizada a partir da colonização do norte do estado do Paraná em meados da década de 1920^{iv}. O ano de 1936 foi escolhido como baliza inicial tendo em vista o início dos trabalhos de colonização na colônia, e a entrada dos primeiros colonos de nacionalidade japonesa. Como baliza final, destacamos o ano da venda dos lotes remanescentes a Companhia Brasileira de Rami, 1956. A escolha dessas duas balizas temporais, são justificadas, primeiramente 1936, pela fundação da colônia e início do processo de contato cultural, aculturação e desenvolvimento das sociabilidades dos sujeitos japoneses importantes para essa pesquisa, a venda dos lotes a Cia Brasileira de Rami, como fase de desenvolvimento da atividade econômica de maior relevância para a cidade.

Compete destacarmos a importância da presença japonesa no Brasil. Destacamos que mesmo passados mais de 100 anos da imigração japonesa para o Brasil e a existência de grande bibliografia apresentada sobre o assunto, a Colônia Pirianito, hoje Uraí-Pr, ainda não foi problematizada de forma abrangente. Temos poucos estudos relativos à Colônia Pirianito^v. Neste sentido, a pesquisa se destaca por sua originalidade em utilizar o estudo e desenvolvimento da Colônia Pirianito, observando como as sociabilidades ocorreram naquele ambiente. Trabalhamos como exemplo para tal estudo as festividades nipônicas, buscando entender como as mesmas se desenvolveram na colônia, como foram se adaptando e como os sujeitos envolvidos se adaptaram a ela.

Neste sentido, as justificativas do artigo se ampliam, tendo em vista, não apenas lacunas deixadas pela historiografia, mas a atenção mais verticalizada que o objeto merece em decorrência da gama de particularidades à espera de atenção mais cuidadosa. Sem qualquer dúvida, o desenvolvimento da historiografia insere-se como justificativa natural e pertinente.

Nosso objetivo de pesquisa está inserido na dinâmica da construção de novas identidades, ligadas diretamente as potenciais sociabilidades de imigrantes japoneses e seus descendentes, desenvolvidas nesse espaço em particular. Sobre as possibilidades de sociabilidade, destacamos o Culto ao Imperador japonês, trazido pelos primeiros imigrantes e o Culto aos Antepassados. Nosso objetivo é entender como estas festividades se configuraram a partir do contato com sujeitos de outras nacionalidades, tendo em vista que os mesmos estavam presentes desde o início da colônia. Parte-se do princípio que essas festividades adquiriram características próprias, inclusive com a participação de sujeitos com laços identitários diferenciados. Para tal proposta, procuramos por meio de entrevistas geracionais, utilizando pelo menos três gerações dentro de uma mesma família^{vi}, explicações coerentes para nossa proposta.

O período abordado, fundação da Colônia Pirianito e o seu desenvolvimento até 1956, época da produção do rami, mostraram-se propício para o estudo da reconfiguração identitária, já que permite entender como foram organizados os primeiros anos da colônia. Levam-se em consideração abordagens múltiplas para tal pesquisa: abordagem geracional de residentes em Uraí, redes de sociabilidades, estabelecimento de contatos culturais, abordagem investigativa no âmbito familiar, abordagem de cunho religioso, entre outras. Comporta-se ainda, a análise das

articulações comunitárias culturais entre esses imigrantes japoneses e nacionais, dos níveis dos laços comunitários e das negociações simbólicas. No sentido das negociações simbólicas o contato cultural entre a cultura nipônica e os sujeitos nacionais pode ser considerado de grande importância.

Os imigrantes japoneses que chegaram à Pirianito em 1936 se depararam com um ambiente natural adverso, “selvagem” para os padrões japoneses^{vii}. Depararam-se também com um ambiente cultural distinto, brasileiros (bairanos, paulistas e mineiros), com códigos culturais distintos e partilhados entre eles^{viii}. Neste sentido, podemos dizer que suas identidades estão em crise e a configuração de novas identidades tem sofrido fragmentação, deslocamento e descentramento. O contato permitiu aos imigrantes japoneses, com o passar das décadas, reconfigurar suas identidades. As antigas identidades dos nipônicos foram reconfiguradas, adaptadas, transformadas para se adequarem as novas necessidades do ambiente.

Em entrevista coletada com um imigrante de segunda geração que viveram o início da colonização, permite concluir que o início da colônia a união dos japoneses era maior do que atualmente. As festas eram praticadas em peso pela comunidade. Valores do grupo eram praticados com a necessidade de união.

Entendemos a fala do entrevistado levando em consideração que mesmo não considerando o grupo japonês inicial como homogêneo, a necessidade de união fez os mesmos buscarem estratégias. A associação cultural e as festividades deram ao grupo um referencial importante. Hoje, passadas décadas, a miscigenação ocorreu de forma que o grupo não pode ser considerado mais o mesmo. Atualmente a própria associação comunitária possui membros que não possuem relação nenhuma com o grupo japonês.

O culto ao imperador e aos antepassados são mecanismos importantes para o estudo da identidade nipônica, tendo em vista o grande valor que a figura imperial e a instituição familiar possuem para o grupo. Entender como as festas foram produzidas, reproduzidas e reconfiguradas em Uraí é de grande importância para compreender características próprias da cultura, possível somente naquele contexto em particular.

Traços culturais dos ancestrais merecem destaque entre os imigrantes japoneses em Uraí. A necessidade de manter a ancestralidade viva faz grupos de japoneses, ao longo de décadas, a manter vivas práticas culturais aprendidas e repassadas dentro do grupo. Observamos nos lares de famílias japonesas

residentes em Uraí, a existência do butsudã. Famílias que não se denominavam budistas, afirmavam serem católica ou evangélica, mantinham o altar budista em local privilegiado da casa. Sobre o altar também são vistos imagens de santos cristãos, junto com o ihai, incenso e oferendas. Nota-se a necessidade de manter o passado vivo, mas também é nítida a presença do novo. A reconfiguração de identidades está presente^{ix}.

Sobre a emigração japonesa para a América do Sul, vale ressaltar que os imigrantes vindos ao Brasil na condição de colonos, em sua maioria, são os filhos mais velhos^x. Neste sentido, tendo em vista a tradição cultural nipônica, são eles os responsáveis por manter a tradição familiar, como o culto aos antepassados. Quando o filho mais velho parte para a emigração a família nomeia outro responsável pelo grupo, geralmente filho, que será incumbido por manter as tradições culturais, culto aos antepassados e cuidar dos pais no momento da velhice. Partindo para terras longínquas e sem a possibilidade de cultuar seus ancestrais, mas, tendo a necessidade de manter sua niponicidade, o culto ao imperador foi usual entre os imigrantes no Brasil, percebido também em Uraí.

O festejo ganha força em terras brasileiras devido à necessidade de se manter o grupo coeso com suas tradições, mas sofre transformações. É objetivo da pesquisa a compreensão de como essas transformações foram realizadas em Uraí, no grupo de imigrantes em questão. As festividades serão abordadas a partir das sociabilidades estabelecidas no espaço da colônia, hoje Uraí. Sobre as reconfigurações de identidades reside o foco principal da pesquisa, a partir da perspectiva das festividades.

O estudo das festividades torna-se terreno fértil e de extrema importância para a manutenção de laços de pertencimento e afirmação étnica deste grupo. Neste sentido, a análise de suas festividades pode ser caminho promissor para o estudo dessa comunidade, principalmente no tocante aos estudos das identidades.

Podemos pensar as festas da comunidade de Uraí como uma *praxis social*, que, por meio de detalhes pequenos e práticas individuais e coletivas, corroboram para a construção da identidade do grupo japonês instalado nesta colônia, marcada por um *modus vivendi* muito singular e característico. Sendo assim, será possível atentar para o fato que apesar da festa ser diferente a cada tempo, certas práticas e seus significados se mantêm, permitindo, assim, que ela carregue também um feito mais tradicional.

O culto aos antepassados faz parte da constituição cultural do grupo japonês, orientado pela tradição budista e corresponde a um ato de reverência e gratidão em relação a um antepassado ligado diretamente por laços sanguíneos. Entre os japoneses que desembarcaram no Brasil o culto era uma prática bastante comum. A tradição budista foi desenvolvida em terras brasileiras por imigrantes que tinham a necessidade de manter suas tradições, sua niponicidade. As práticas festivas tinham o objetivo de manter as origens e a tradição nipônica vivas em ambiente adverso. O culto aos antepassados era a homenagem ao nome do falecido, denominado de “*Hôji*” ou “*Tzuizem-Kuyô*”. A prática religiosa envolve a exaltação do nome do falecido, juntamente com a comemoração, pedidos e agradecimentos em relação à alma do morto. Também é vista como um ritual de oração dos mais próximos ao falecido para cuidar do repouso da alma (*Meifuku*) do mesmo. As orações são de extrema importância entre os budistas, pois *Meifuku* significa a felicidade da alma no outro mundo, para que o falecido encontre paz após a morte. A reverência à alma do morto também é o momento de reflexão das pessoas próximas a ele, momento de rever a si mesmos, renovando o sentimento de gratidão.

Os ritos funerários também fazem parte da constituição da tradição budista. Grande parte dos japoneses tem funerais budistas, constantemente utilizados após a morte. Os ritos encerram-se após 49 dias da morte, quando é permitida à alma do falecido a entrada no mundo de seus antepassados. Anualmente realizam-se cerimônias budistas até o trigésimo terceiro ou quinquagésimo aniversário da morte. Nas casas japonesas os antepassados são cultuados em um altar (*butsudan*), organizado em uma parte privilegiada da residência. Geralmente, cabe ao filho mais velho o culto e a manutenção da tradição familiar. O nome de todos os antepassados são lembrados em uma tabuleta de madeira (*Ihai^{xi}*), colocada sobre o altar. É usual anotar o nome dos falecidos ancestrais em um caderno que fica de posse do descendente responsável em manter o culto aos antepassados. Também, é usual colocar oferendas como frutas, comida ou bebida e muitos descendentes rezam e se comunicam com seus antepassados em frente ao *butsudan*.

Neste sentido, percebe-se a grande representação da família frente às práticas budistas. Segundo Hori^{xii}, a religiosidade japonesa tem como base a própria família, é através da união familiar que o budismo ganha força e representação. No Brasil, os imigrantes tiveram no budismo, e em suas práticas, mecanismos de

preservação da própria identidade nipônica, tendo em vista que as práticas budistas, em alguns momentos, se confundem com a própria organização do grupo familiar.

As entrevistas permitem concluir que grande parte dos membros das famílias atuais são constituídos de forma mista, ou seja, é visível a presença de casamentos interétnicos e a presença de “mestiços”. Nestas famílias a constituição do Culto ao Imperador e aos Antepassados não é representada, quando comparado com os familiares mais velhos, onde os casamentos geralmente eram endogâmicos e os valores e laços culturais mantinham-se, de certa maneira uniformes.

Outra festividade importante realizada em terras brasileiras é o culto ao imperador japonês (Comemorado no dia 31 de outubro), símbolo máximo de devoção e adoração. A crença na divindade do imperador foi trazida pelos imigrantes japoneses e ganhou representação própria no Brasil. O culto tem origem na tradição xintoísta, que além de adorar a natureza, cultuava o imperador (*mikado*). Em 1889 o xintoísmo foi declarado religião oficial do estado japonês e o culto ao imperador ganhou corpo, durando até a Segunda Guerra Mundial quando o imperador Hiroito declarou falsa esta crença^{xiii}. O imperador perde o caráter de entidade divina, mas o culto a sua figura continua, mais como sinal de respeito, já que sob a ótica da grande família japonesa, o imperador é o indivíduo do sexo masculino de maior importância, como um pai para todos os nipônicos, representando a grande família japonesa (*Iê-casa*), e a definição do sucessor/herdeiro único, o *katoku*, aquele que dirigirá o *iê*, ou sucessor, o *atotori*^{xiv}, aquele que vem depois do pai^{xv}.

No Japão tradicional, o *iê* configurou um quadro no interior do qual se moldaram relações sociais específicas à sociedade japonesa. A origem do *iê* data do século XIII, e em um contexto marcado por guerras e incertezas se desenvolveu um conjunto de regras, cuja finalidade era assegurar a continuidade familiar e a transmissão da herança, por meio do sistema de primogenitura. Contudo, o *iê* não corresponde estritamente à ideia de família. Seus vínculos extrapolam os laços de consanguinidade, permitindo a adoção de outro indivíduo, na ausência de um herdeiro primogênito. Esta linhagem era a base do sistema social e econômico e supunha a residência comum, sob a autoridade do pai e a divisão dos papéis que cabiam a cada membro da família, segundo critérios de gênero e idade^{xvi}.

Entretanto, com o advento da modernidade, este modelo sofreu um processo de adaptação, preservando alguns aspectos do passado. A imposição deste sistema

resultou sérios problemas para a família tradicional camponesa, fundada no *iê*, comprometendo o futuro dos filhos não sucessores.

Outros filhos a emigrarem não estavam na linha de sucessão, que almejam recursos para o retorno, adquirir propriedade e se instalar nas proximidades da casa de origem. Na história da emigração japonesa, segundo Woortmann, este modelo de organização familiar determinou por meio do sistema de primogenitura quem deveria ficar para suceder a liderança do *iê* e quais membros da família deveriam partir^{xvii}.

Nesse sentido destacamos quem eram os emigrantes japoneses que vinham para o Brasil. À imigração japonesa, diferentemente de outras, foi um processo de união do estado com o grupo. O estado japonês participou ativamente desse processo migratório, exemplo vem da disponibilização de capital para a organização de companhias de colonização que adquiriam lotes de terras e subsidiavam os imigrantes. Essa característica da imigração japonesa não aconteceu por acaso. Nesse processo também está inserido valores do *iê* japonês, onde o pai, imperador, deve cuidar de seus filhos. Dessa forma a imigração japonesa foi organizada e dirigida pelo estado japonês.

O conceito de família é decorrente do primeiro valor: a pátria só será permanente através da família. Este conceito milenar atravessa a história do povo japonês por meio dos clãs, base da pátria. Na família japonesa, cada pessoa tem um papel determinado, e nas demais famílias e na sociedade reside à expectativa que cada um cumpra seu papel. O conceito sobre pátria, família e trabalho foi cunhado ainda no princípio da Era Meiji, quando por necessidade de união, o imperador pensou a organização da grande nação japonesa como uma grande família.

Segundo Tomoo Handa, a chegada dos imigrantes japoneses no Brasil, em muitos casos, se fez em locais, até então sem habitações, onde a mata virgem tomava conta do cenário. O processo de derrubada das grandes árvores exige procedimentos diferentes. As de madeira de lei (peroba e cedro, por exemplo), cujos troncos têm o mesmo diâmetro e atingem a altura de 5 metros ou mais, exigem apenas o trabalho com o machado.

Nesse sentido, percebe-se pela descrição de Tomoo Handa que o grupo japonês, mesmo não sendo acostumado com a natureza virgem e exuberante encontrada no Brasil, fez a mata tombar aos seus pés. Handa deixa claro que a

necessidade de vencer em terras brasileiras fez o imigrante japonês colocar em prática um fundamento aprendido em sua pátria ancestral, o trabalho.

Neste sentido, as sociabilidades estabelecidas entre os imigrantes japoneses e os nipo-brasileiros no espaço de Uraí são ricas em detalhes para essa pesquisa. Ressaltamos que a pesquisa procura desenvolver uma abordagem em escala reduzida, buscando a identificação de particularidades desenvolvidas neste ambiente em questão.

Recorrendo a entrevistados pode-se concluir que a associação comunitária japonesa (Shimboku-kai), inicialmente formada somente por membros de etnia japonesa, atualmente não considera importante manter mais a proibição da entrada como sócio dos não japoneses. Uma explicação para tal fato é a grande quantidade de casamentos interétnicos ocorridos na atualidade. As sociabilidades ocorridas na cidade permitem entender os casamentos interétnicos.

Os valores consagrados como específicos da cultura japonesa ou da tradição japonesa conferem sentidos à centralidade da família e também se apresentam como a via da singularidade, do sentimento de pertença, da percepção de seus iguais em relação aos outros, os diferentes. A família japonesa, como *uchi*, não tem limites claros. Pode se referir a uma família nuclear de pais e filhos solteiros, a uma linha de descendência, ou a uma unidade de produção ou consumo^{xviii}. “O sistema de família japonês único é baseado na reverência aos ancestrais, poder e responsabilidade do chefe de família, obediência e piedade filial. Esta última é o modelo para a relação dos cidadãos tanto com o Estado quanto com os superiores”^{xix}.

O culto ao imperador japonês representava um elo que os imigrantes japoneses mantinham com o imperador japonês, reavivando o sentimento de pertença. Também era um símbolo de submissão do filho, na hierarquia da grande iê. A festa começava com os imigrantes cantando o hino japonês (*Kimigayo*), seguido pela leitura de mensagens imperiais. Após o ritual de reverência, os japoneses continuavam a festividade acompanhadas de jogos esportivos e comemorações durante o dia todo.

Podemos entender que os laços que unem o grupo japonês podem ser entendidos como extremamente rígido refletido principalmente dentro da família, onde a hierarquia é de grande importância. Em Uraí, especificamente, tendo em vista que o espaço foi habitado desde o princípio por sujeitos de outras

nacionalidades, o contato de culturas produziu alterações significativas no grupo japonês. A hierarquia antes vigente não é mais entendida da mesma forma. As relações de sociabilidades estabelecidas permitem concluir que as identidades são configuradas de maneira particular, tendo em vista os sujeitos e seus referenciais culturais. Os exemplos do Culto ao Imperador e aos Antepassados também adquiriram características próprias em Uraí, resultado próprio da relação e do contato cultural.

Notas:

ⁱ A tentativa inicial da Companhia Nambei de introduzir imigrantes de nacionalidade japonesa encontrou dificuldades em se concretizar. A presença de migrantes vindos de outras partes do Brasil foi percebida no estudo da planta cartográfica da cidade de Uraí, que traziam entre outras informações: nome do comprador, profissão, localidade de origem, forma de pagamento da terra, tamanho do imóvel agrícola. Após o levantamento dos documentos de compra e venda de terras, pode-se perceber que muitos brasileiros adquiriram lotes na colônia. Percebe-se também, que entre os imigrantes japoneses houve a necessidade da compra de lotes próximos, vizinhos. Ver: SILVA, José Junio da. *Configurações de identidades culturais de imigrantes japoneses*. (Colônia Pirianito: 1936 – 1956). Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá, 2009.

ⁱⁱ A fronteira em questão remete à fronteira da cultura, tendo em vista que em Uraí vários sujeitos fizeram parte do processo de constituição do ambiente. As relações culturais entre os vários sujeitos deram ao ambiente características culturais próprias.

ⁱⁱⁱ A Era Meiji (1868 – 1902) inicia nova estruturação para a sociedade japonesa. Essa estrutura priorizava a modernização, tendo a indústria como novo “motor” para o desenvolvimento social. Houve deslocamento de camponeses do campo para as cidades e “inchaço” social nos grandes centros urbanos. Ao governo, cabia encontrar uma solução para controlar o excesso populacional urbano e evitar o caos social. Uma das medidas para esse controle foi à emigração.

^{iv} A colônia Pirianito foi objeto de estudo durante o desenvolvimento do mestrado. Neste período, foi dado ênfase ao estudo das identidades culturais de imigrantes japoneses a partir de sua pluralidade e plasticidade e como suas identidades foram sendo configuradas em novas, agora, em terras brasileiras.

^v Consultar: YAMOCHI, Yoshikazu. *Imigração Japonesa: ontem e hoje*. O exemplo dos japoneses da comunidade Nikkei de Uraí (PR- Brasil). Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, 1991; e SILVA, José Junio da. *Configurações de identidades culturais de imigrantes japoneses*. (Colônia Pirianito: 1936 – 1956). Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá, 2009.

^{vi} Em alguns casos encontrar três gerações em uma mesma família não foi possível, sendo utilizados para entrevista dois membros ou duas gerações apenas.

^{vii} Em 1936 o Japão já despontava como grande potência asiática. Neste mesmo período cidades como Tóquio e Kobe já abrigavam população superior a 1 milhão de habitantes. A infraestrutura do país crescia a velocidade considerável, movida pela rápida industrialização iniciada no período Meiji. Tendo em vista a pouca dimensão do território japonês, as áreas urbanas e rurais estavam próximas,

permitindo aos moradores do campo contato com o meio urbano. Diferentemente, o Brasil apresentava dimensões territoriais muito superiores ao Japão, sendo o interior do país muito distante dos grandes centros urbanos. Neste sentido, mesmo o imigrante japonês sendo natural de áreas rurais, a realidade brasileira se mostrou diferente, “selvagem”, para os padrões japoneses.

^{viii} Por mais diferentes que um paulista, baiano ou mineiro possam parecer, ainda estão interligados por laços culturais que os colocam como brasileiros. Existe aspectos culturais presentes na cultura nacional que são entendidos por esses grupos. O japonês que chega em Pirianito não possui a referência da cultura nacional e não está interligado com nenhum desses grupos referidos. Neste sentido, é dito no texto que os códigos culturais são distintos e compartilhados entre eles, os brasileiros.

^{ix} SILVA, José Junio da. *Configurações de identidades culturais de imigrantes japoneses*. (Colônia Pirianito: 1936 – 1956). Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá, 2009.

^x Os primeiros grupos tornam-se referência e estímulo para a atração de familiares e amigos, fator decisivo para certa concentração de pessoas relacionadas entre si nas localidades de destino, facilitando aos recém-chegados o acesso ao trabalho e a terra. É a estrutura de parentesco que serve de referência para este deslocamento, tornando-se dupla solução: ao destinar alguns de seus filhos à migração, o *ie* viabiliza a reprodução social dos que ficam e da hierarquia familiar. Ainda, o valor família tradicional se estende a novos espaços, onde reorganiza a sua reprodução futura.

^{xi} Símbolo budista de madeira ou laca onde o nome do ancestral morto é deixado gravado para posterior homenagem.

^{xii} ARAI, K. "New Religious Movements", in I. Hori, F. Ikado, T. Wakimoto & K. Yanagawa (orgs.). *Japanese Religion. A Survey by the Agency for Cultural Affairs*. Tóquio e Palo Alto, Kodansha International Ltd., 1974, pp. 89-104.

^{xiii} Após a Segunda Guerra Mundial o imperador japonês foi obrigado pelas autoridades dos Estados Unidos a abandonar a ideia de culto a divindade. O culto ao imperador, que em muitos casos chegava a ser comparado a fanatismo, sofreu mudanças e o imperador aceita a posição de homem e mortal. Os imigrantes japoneses pré-guerra trouxeram a ideia de culto ao imperador como mecanismo de união de grupo. No Brasil houve dificuldades entre os imigrantes de aceitar a derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial e a perda da divindade do imperador japonês. Ver também: MORAIS, Fernando. *Corações sujos*. A história da Shindo Renmei. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

^{xiv} Katoku seria a designação para o responsável pelo grupo. É ele que detém todo o poder sobre o grupo familiar, as posses econômicas, quando essa família possui e a tradição. Atotori seria o filho mais velho, geralmente do sexo masculino, mas não necessariamente, responsável pela sucessão do grupo familiar após a morte do pai.

^{xv} WOORTMANN, Ellen Fensterseifer. *Japoneses no Brasil/Brasileiros no Japão: tradição e modernidade*. Revista de Antropologia, USP, São Paulo, v.38, nº2, 1996, p.7-36.

^{xvi} SAKURAI, Célia. *Os japoneses*. São Paulo: Editora Contexto, 2007, p. 293-304.

^{xvii} WOORTMANN, Ellen Fensterseifer. *Japoneses no Brasil/Brasileiros no Japão: tradição e modernidade*. Revista de Antropologia, USP, São Paulo, v.38, nº2, 1996. p.7-36.

^{xviii} BERNIER, Bernard. "Le Japon, société sans classes?". *Anthropologie et Sociétés*, vol. 18, nº 1, 1994, p. 49-75. Québec: Département d'Anthropologie de L'Université Laval.

^{xix} SASAKI PINEIRO, Elisa Massae. "Ser ou não ser japonês? A construção da identidade dos brasileiros descendentes de japoneses no contexto das migrações internacionais do Japão contemporâneo". op. cit. p.27.

Referências:

- ARAI, K. "New Religious Movements", in I. Hori, F. Ikado, T. Wakimoto & K. Yanagawa (orgs.). *Japanese Religion. A Survey by the Agency for Cultural Affairs*. Tóquio e Palo Alto, Kodansha International Ltd., 1974.
- BHABHA, K. Homi. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- BERNIER, Bernard. "Le Japon, société sans classes?". *Anthropologie et Sociétés*, vol. 18, nº 1, 1994, p. 49-75. Québec: Département d'Anthropologie de L'Université Laval.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro – 7ª edição. Editora DP&A. São Paulo: 2002.
- HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro, IPHAN, nº 24, 1996.
- NADALIN, S.O.. *A origem dos noivos nos registros de casamento da Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba; 1870-1969*. Curitiba, PR. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná, 1975.
- NADALIN, Sergio Odilon (2007), "João, Hans, Johann, Johannes: Dialética dos Nomes de Batismo numa Comunidade Imigrante", *História UNISINOS*, São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 11(1): 14-27.
- NADALIN, S.O.. *Une paroisse germanique au Brésil; La Communauté Évangélique Luthérienne à Curitiba entre 1866 et 1969*. Paris, França. Tese de Doutorado (3e Cycle). École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1978.
- MORAIS, Fernando. *Corações sujos*. A história da Shindo Renmei. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SAKURAI, Célia. *Os japoneses*. São Paulo: Editora Contexto, 2007.
- SAITO, Hiroshi & MAEYAMA, T. *Assimilação e integração dos Japoneses no Brasil*. São Paulo: EDUSP; Vozes, 1973.
- SAITO, Hiroshi (org.). *A presença japonesa no Brasil*. São Paulo: EDUSP; T.A. Queiroz, 1980.
- SAITO, Hiroshi. *O Japonês no Brasil*. Estudo de Mobilidade e Fixação. São Paulo, Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, Editora "Sociologia e Política", 1961.
- SASAKI PINEIRO, Elisa Massae. "Ser ou não ser japonês? A construção da identidade dos brasileiros descendentes de japoneses no contexto das migrações internacionais do Japão contemporâneo". Tese de doutorado (Ciências Sociais, Instituto de Ciências Humanas), Campinas, SP: UNICAMP [s. n.], 2009.
- SILVA, José Junio da. *Configurações de identidades culturais de imigrantes japoneses*. (Colônia Pirianito: 1936 – 1956). Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá, 2009.
- VIEIRA, Francisca Isabel Schurig. *O japonês na frente de expansão paulista: o processo de absorção do japonês em Marília*. São Paulo: Pioneira/EDUSP, 1973.
- WOORTMANN, Ellen Fensterseifer. *Japoneses no Brasil/Brasileiros no Japão: tradição e modernidade*. Revista de Antropologia, USP, São Paulo, v.38, nº2, 1996.

YAMOCHI, Yoshikazu. *Imigração Japonesa: ontem e hoje. O exemplo dos japoneses da comunidade Nikkei de Uraí (PR- Brasil)*. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, 1991.